

A cultura do encontro na metrópole: o diálogo inter-religioso como exigência ética e pastoral

Bruno Redígolo Cardoso¹

Resumo: Esta reflexão entende o diálogo inter-religioso como urgência ético-pastoral para as cidades. Na metrópole, a formação de grupos identitários fechados frequentemente alimenta polarizações e exclusões. Para repensar a evangelização nesse cenário, o texto revisita a abertura da Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II até as análises urbanas do Papa Francisco. Apoiado na ética da alteridade de Emmanuel Lévinas, defende-se que o rosto do Outro, apagado pela multidão, exige uma responsabilidade mútua que ultrapassa barreiras religiosas. Na Pastoral Urbana, esse diálogo supera a simples tolerância: é um intercâmbio prático, teológico e espiritual, essencial para frear a indiferença e construir a verdadeira cultura do encontro.

Palavras-chave: Pastoral Urbana. Diálogo Inter-religioso. Cultura do Encontro.

202

1 Introdução

Somos seres gregários por natureza. Há quem se encontre em um grupo pelo gosto musical, outros pela torcida de um time de futebol, ou ainda pela identificação religiosa. Tudo isso é muito natural. O problema surge quando esse sentimento de pertença alimenta uma tendência separatista e polarizada, pautada na ideia de que o "meu grupo é melhor que o seu". No extremo, essa rivalidade isola as pessoas e bloqueia qualquer tentativa de aproximação com quem pensa diferente. No fim das contas, a sociedade inteira empobrece.

Por outro lado, o ser humano também sente uma atração curiosa por aquilo que foge da normalidade. O desconhecido fascina justamente por escapar do nosso controle e provocar novas emoções, nos tirando da zona de conforto. Vemos isso em coisas simples: a vontade de assistir a um filme de terror sabendo que perderemos o sono, ou a coragem de arriscar uma manobra nova de bicicleta na juventude, mesmo correndo o risco de cair.

A situação muda de figura, porém, quando o diferente ganha um rosto humano que não partilha das nossas ideias ou não pertence à nossa bolha. Nesses casos, o fascínio inicial costuma dar lugar a uma dura recusa ao diálogo. É o que acontece, por exemplo, quando um crente se fecha e se recusa a tentar compreender quem vivência outra crença. Em situações mais drásticas, em grau de piora, surgem: a discriminação religiosa e a perseguição religiosa.

¹ Mestrando em Teologia pela PUC-SP, com bolsa CAPES. Pai, Esposo, Colaborador na Fundação Pontifícia ACN e Diácono Permanente na Arquidiocese de São Paulo. E-mail: brunoredigolo@gmail.com



Zohaib, supervisor da fábrica Subhan Paper Mills, em Sheikhpura, Punjab, brutalmente atacou Waqas Masih, um jovem cristão de 22 anos. O caso reforça a crescente intolerância religiosa enfrentada pelas minorias no Paquistão. Segundo relatos da família da vítima, Waqas sofreu agressões após se recusar a se converter ao Islã, mesmo sob coerção (Fundação Pontifícia ACN, 2025).

Para reverter esse isolamento, o diálogo verdadeiro desponta como um caminho legítimo para uma paz consistente. A própria origem grega da palavra diálogo nos ensina bastante: ela une *dia* e *logos*. Enquanto *logos* remete à nossa capacidade de pensamento e raciocínio, *dia* carrega um sentido duplo: aponta para aquilo que divide, mas também para o ato de atravessar e superar um limite. A essência do diálogo é exatamente buscar a unidade sem apagar a diferença. É por meio desse processo que as pessoas conseguem reconhecer e respeitar a liberdade de cada um (Faustino Teixeira, 2008, p. 88).

Paz, um fio de esperança que liga a terra ao céu, uma palavra tão simples e ao mesmo tempo tão difícil. Paz quer dizer Perdão que, fruto da conversão e da oração, nasce de dentro e, em nome de Deus, torna possível curar as feridas do passado. Paz significa Acolhimento, disponibilidade para o diálogo, superação dos fechamentos, que não são estratégias de segurança, mas pontes sobre o vazio. Paz quer dizer Colaboração, intercâmbio vivo e concreto com o outro, que constitui um dom e não um problema, um irmão com quem tentar construir um mundo melhor. Paz significa Educação: uma chamada a aprender todos os dias a arte difícil da comunhão, a adquirir a cultura do encontro, purificando a consciência de qualquer tentação de violência e rigidez (Francisco, 2016).

Nas grandes metrópoles de hoje, essa dinâmica ganha um peso enorme. A cidade funciona como o epicentro onde as culturas se cruzam o tempo todo, o que nos obriga a entender de uma vez por todas que o diferente não é inferior, é apenas diferente. É a partir desse cenário que este texto analisa a postura da Igreja Católica. A intenção é observar como a instituição desenvolveu, e tenta praticar atualmente, o respeito e a acolhida em uma sociedade plural, que busca se conectar com o Sagrado de formas muito diversas dentro da realidade urbana.

2 A Igreja Católica e a promoção do diálogo: da hegemonia à pluralidade urbana

Embora hoje a Igreja Católica tenha o diálogo com o mundo como um de seus princípios basilares, a história mostra que a instituição nem sempre agiu dessa forma. Até o início do século XVI, o catolicismo desfrutava de uma posição de absoluta hegemonia na sociedade europeia. A regra era o clássico *extra Ecclesiam nulla salus* (fora da Igreja não há salvação). Esse pensamento guiou o Magistério e os teólogos por séculos, aparecendo em registros que vão desde o Papa Inocêncio III (1208) e o IV Concílio Lateranense (1215) até a bula *Unam Sanctam* de Bonifácio VIII (1302) e o Concílio de Florença (1442) (Sanches, 2015, p. 35).



Tudo isso começou a mudar com os movimentos de reforma no século XVI, quando a Igreja se viu obrigada a lidar com a perda de seu monopólio e com novas formas de o ser humano se relacionar com o sagrado. Aos poucos, a sociedade foi se modernizando e o intenso processo de urbanização consolidou a ideia de que o pluralismo não era um problema a ser combatido, mas sim a base para respeitar as diferenças. A instituição resistiu o quanto pôde a essa nova mentalidade. O Papa Pio IX, por exemplo, na encíclica *Quanta Cura* e em seu anexo *Syllabus* (1864), atacou abertamente os valores modernos, tratando-os como ameaças diretas à tradição.

Essa postura de fechamento só começou a ser superada na década de 1960, com o Concílio Vaticano II. Ali, a Igreja decidiu oficialmente dialogar com a modernidade e encarar a diversidade religiosa sem o viés da condenação. O Concílio ajudou a resgatar a essência dos evangelhos – afinal, basta olhar para a vida de Jesus para notar que sua prática era de acolhida por quem vinha de fora, e não de exclusão. Textos conciliares como a *Gaudium et Spes* repensaram a presença cristã na sociedade, enquanto a *Nostra Aetate* e a *Unitatis Redintegratio* abriram definitivamente as portas para o relacionamento ecumênico e inter-religioso.

Para quem atua na Pastoral Urbana hoje, essa mudança histórica é o que sustenta qualquer tentativa de evangelização. A pastoral na metrópole não funciona se for focada apenas na manutenção dos fiéis; ela precisa cruzar a rua para encontrar e conversar com as culturas urbanas. O pluralismo não é uma ameaça à doutrina, mas um novo espaço teológico onde a fé cristã é convidada a se encarnar.

Não é o mundo que está na Igreja, mas é a Igreja que está no mundo. O povo de Deus peregrina no seio de uma humanidade toda ela peregrinante. E o destino do povo de Deus não é diferente do destino de toda a humanidade. Tal como na sociedade atual em relação à modernidade, também na Igreja há dificuldade em situar-se em nosso novo tempo, para interagir com ele, e, sobretudo, há dificuldade de aprender e enriquecer-se com as novas realidades emergentes (Brighenti, 2015).

3 O diálogo inter-religioso: identidade e encontro na cidade

O diálogo inter-religioso ganhou força na modernidade, impulsionado pela facilidade de comunicação e pela troca de conhecimentos. Historicamente, o Parlamento Mundial das Religiões, realizado em Chicago em 1893, funcionou como um grande divisor de águas. Foi a primeira vez que líderes de diferentes tradições – cristãos, judeus, hindus, budistas e muçulmanos – sentaram-se juntos no mesmo espaço. A meta ali era bem direta: mostrar que, na prática das boas ações, existe uma unidade essencial capaz de unir as religiões contra a intolerância e a irreligião.



Hoje, a globalização e as migrações em massa derrubaram as antigas fronteiras culturais. Como resultado, grupos religiosos que antes viviam isolados agora dividem a mesma rua nas metrópoles. Esse contato intenso, naturalmente, provoca tensões, estranhamentos e até conflitos. É por isso que dialogar exige, antes de tudo, reciprocidade. É impossível compreender a própria tradição em profundidade sem se abrir para escutar quem pensa diferente (Panikkar, 1993, p. 1149).

A relação com o outro constrói um caminho espiritual genuíno, pautado na acolhida, sem que isso resvale para o sincretismo (Wolff, 2016, p. 22). Pelo contrário, a vivência inter-religiosa exige que a pessoa seja profundamente fiel à sua própria fé. Jürgen Moltmann resume bem essa ideia ao afirmar que só está preparado para dialogar quem já construiu uma base sólida na própria religião. Ter uma identidade teológica clara é exatamente o que impede o agente pastoral de se diluir no anonimato da cidade, permitindo que ele atue como uma verdadeira ponte (Moltmann, 2004, p. 28). Em suma, “é preciso pertencer a algum lugar, contar com alguma referência social estável, pisar em algum chão firme, para tomar um impulso de voo” (Kehl, 2005).

Vimos isso na prática durante o encontro da fundação Scholas Occurrentes em Jerusalém, em 2017. Na ocasião, o Papa Francisco celebrou a união entre cristianismo, judaísmo e islamismo plantando uma oliveira – um gesto simples e poderoso para nos lembrar que o encontro real só acontece quando temos a coragem de olhar o outro nos olhos, a partir das nossas próprias diferenças.

Quando um sonho é partilhado torna-se a utopia de um povo, a possibilidade de criar um novo modo de viver. A nossa utopia, a de todos nós que de qualquer maneira fazemos parte das Scholas, é criar com esta educação uma cultura do encontro. Podemos unir-nos nas pessoas, valorizando a diversidade de culturas para alcançar não a uniformidade, não, mas a harmonia, e quanta necessidade há disto esse mundo tão atomizado! Este mundo que teme o que é diverso, que a partir deste medo por vezes constrói muros que acabam por transformar em realidade o pior pesadelo, que consiste em viver como inimigos. Quanta necessidade tem este mundo de sair para se encontrar! (Francisco, 2017).

4 Ética da alteridade: o rosto do outro nas ruas da metrópole

Quando aprofundamos a forma como nos relacionamos com o diferente, o pensamento de Emmanuel Lévinas ganha muito destaque. O filósofo defende algo que Jesus já vivenciava na prática: a coragem de simplesmente se abrir ao encontro. Para Lévinas, a ética da alteridade exige que nos coloquemos a serviço do outro, pois é justamente nele que o infinito se revela. Ele nos convoca a assumir uma responsabilidade real na relação entre o Eu e o Outro, lembrando que o bem só ganha forma no mundo a partir dessa interação. E tudo isso começa com algo muito simples: o olhar de acolhimento.



A deposição da soberania pelo eu e a relação social com outrem, a relação des-inter-essada. Escrevo-a com três palavras para realçar a saída do ser que ela significa. Desconfio da palavra «amor», que está estragada, mas a responsabilidade por outrem, o ser-para-o-outro, pareceu-me desde essa época para: o rumor anônimo e insignificativo do ser. (Levinas, 1982, p. 43)

Na correria da metrópole, marcada pela multidão e por uma certa era do vazio, é muito fácil o rosto das pessoas se tornar invisível. É aí que a ética da alteridade funciona como um freio urgente para a indiferença urbana. Afinal, não é a crença religiosa que define, sozinha, a integridade de alguém; portanto, discordâncias de fé não podem servir de desculpa para destruir a convivência. Encontrar o outro de verdade é sempre uma experiência que surpreende e desconcerta os dois lados.

Hoje, temos clareza de que o diálogo inter-religioso é vital para construir uma sociedade mais fraterna, especialmente porque as diferenças religiosas ainda são usadas como combustível ideológico para diversos conflitos. A história carrega esse paradoxo: a religião já inspirou o amor mais puro da humanidade, mas também serviu de justificativa para ódios terríveis. Para garantir que a civilização urbana seja um lugar capaz de responder de forma saudável aos questionamentos humanos fundamentais, a via do diálogo continua sendo insubstituível.

5 Formas de práxis dialógica na pastoral urbana

Conversar com diferentes expressões religiosas exige, na prática, atenção, respeito e acolhimento autêntico. Quando olhamos para a realidade da metrópole, percebemos que esse relacionamento transformador costuma acontecer em três frentes principais.

A primeira delas é a cooperação em favor da paz. Esse é o chamado diálogo de obras, em que as pessoas unem forças para construir um mundo mais justo. Nas periferias urbanas, tão marcadas pela desigualdade, o encontro prático das religiões fica muito evidente no trabalho social e comunitário. Afinal, a busca pela paz é uma responsabilidade de todos; é simplesmente impossível viver a religiosidade virando as costas para as dores humanas.

O segundo caminho passa pelos intercâmbios teológicos. Aqui, o foco é a conversa entre estudiosos e especialistas das várias tradições. Nos centros de formação e nas universidades das grandes cidades, a intenção é partilhar, debater e enriquecer as bagagens religiosas de cada grupo. Para que isso funcione, é preciso ter a mente aberta, saber flexibilizar as próprias certezas e estar disposto a se deixar transformar por esse contato direto com o diferente.

Por fim, em um nível muito mais íntimo, chegamos à partilha da experiência religiosa. Trata-se do diálogo silencioso da oração e da contemplação. É o momento em que pessoas com raízes profundas em suas respectivas fés compartilham o modo



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

como se relacionam com o Sagrado. No meio do barulho constante da metrópole, essa comunhão ultrapassa a necessidade de usar palavras, criando um espaço genuíno e profundo de experiência espiritual conjunta.

6 Considerações finais

Dialogar exige, antes de tudo, reciprocidade. Quando saímos da nossa bolha e deixamos para trás o conforto da mesmice, é natural esbarrarmos em situações que nos desafiam. A forma como cada tradição se liga ao seu Deus é inegavelmente importante, mas isso não deve virar um muro intransponível capaz de bloquear qualquer tentativa de conversa. Se olharmos um pouco além da superfície, perceberemos que toda a humanidade busca essencialmente a mesma coisa: ser feliz e se realizar, partilhando os mesmos direitos e deveres. Excluir o outro simplesmente por ele não professar a mesma crença vai contra essa busca comum.

A dinâmica do amor, verdadeira base da paz, ensina que nenhum grupo é dono exclusivo da verdade e que a fé, embora valiosa, não define sozinha a totalidade humana. Para superarmos a globalização da indiferença, precisamos resgatar a consciência de que formamos uma única família. Longe de ser uma ameaça, o convívio com o diferente nos enriquece e transforma o ambiente tenso das metrópoles em um lugar genuinamente melhor, tanto para quem crê quanto para quem não tem religião.

Hoje não há tempo para a indiferença. Não podemos lavar as mãos à distância, com desprezo, com desinteresse. Ou somos irmãos ou tudo se desmorona. É a fronteira. A fronteira sobre a qual devemos construir: é o desafio do nosso século, é o desafio dos nossos tempos (Francisco, 2021).

Referências

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco na Jornada de Oração pela Paz "Sede de Paz. Religiões e Culturas em Diálogo"**. Assis, 20 set. 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/september/documents/papa-francesco_20160920_assisi-preghiera-pace.html. Acesso em: 29 maio 2026.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião do 1º Dia Internacional da Fraternidade Humana**. Vaticano, 4 fev. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2021/documents/papa-francesco_20210204_videomessaggio-giornata-fratellanza-umana.html. Acesso em: 29 maio 2026.

FUNDAÇÃO PONTIFÍCIA ACN. **Jovem cristão é brutalmente atacado no Paquistão**. ACN Brasil, 3 abr. 2025. Disponível em: <https://www.acn.org.br/jovem-cristao-e-brutalmente-atacado-no-paquistao/>. Acesso em: 29 maio 2026.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

KEHL, Maria Rita. Não se fazem mais jovens como antigamente. **Agência Carta Maior**, 2 fev. 2005. (V Fórum Social Mundial). Disponível em: <https://fpabramo.org.br/nao-se-fazem-jovens-como-antigamente/>. Acesso em: 29 maio 2026.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**: diálogos com Philippe Nemo. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiência de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PANIKKAR, Raimon. Religion (Dialogo Intrarreligioso). In: FLORESTAN, Cassiano; TAMAYO, Juan José (Ed.). **Conceptos fundamentales del cristianismo**. Madrid: Trotta, 1993, p. 1144-1155.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco aos participantes no III Congresso Internacional das "Scholas Occurrentes"**. Jerusalém, 5 jul. 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170705_videomessaggio-universita-ebraica.html. Acesso em: 29 maio 2026.

BRIGHENTI, Agenor. A ação pastoral em tempos de mudança: modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 56, n. 302, mar./abr. 2015. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/acao-pastoral-em-tempos-de-mudanca-modelos-obsoletos-e-balizas-de-um-novo-paradigma/>. Acesso em: 29 maio 2026.

SANCHES, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015.

TEIXEIRA, Faustino. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**: a arte do possível. Aparecida: Editora Santuário, 2008.

WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016.

